

## **“O BEIJO”: HOMOSSEXUALIDADE, REPRESSÃO E RESISTÊNCIA NO CONTO DE TAYLANE CRUZ**

Luciana de Lima Arcanjo <sup>1</sup>

### **INTRODUÇÃO**

A literatura brasileira recente tem se mostrado cada vez mais aberta ao debate sobre diversidade sexual e de gênero. Escritoras contemporâneas vêm explorando a experiência homoafetiva não apenas como denúncia da repressão, mas também como possibilidade de criação estética e de novas formas de existência. O conto “*O beijo*”, de Taylane Cruz, insere-se nesse contexto ao narrar a descoberta do primeiro amor entre duas meninas.

A narrativa se destaca pela delicadeza ao tratar da afetividade e, ao mesmo tempo, pela dureza ao revelar a repressão violenta que recai sobre as personagens. Essa ambiguidade permite discutir como a literatura pode expor os limites impostos pela heteronormatividade e, simultaneamente, abrir caminhos para imaginar resistências.

Este artigo tem como objetivo central analisar o posicionamento sobre a homossexualidade no conto, investigando de que modo a obra representa as tensões entre desejo e silêncio, liberdade e opressão, afeto e violência.

O estudo se apoia em referenciais dos estudos de gênero e sexualidade. Para Butler (2018), a heteronormatividade organiza a sociedade a partir da repetição de normas que validam apenas relações heterossexuais, invisibilizando ou punindo práticas dissidentes. A autora argumenta que a sexualidade é regulada por sistemas discursivos e institucionais que produzem corpos “inteligíveis” e outros relegados ao campo da abjeção.

[...] Em algumas explicações, a ideia de que o gênero é construído sugere certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a “cultura” relevante que “constrói” o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino. (BUTLER, 2003, p. 26).

Guacira Lopes Louro (1997), em perspectiva próxima, destaca o papel das instituições sociais, sobretudo a família e a escola, na construção da identidade de gênero e na manutenção

---

<sup>1</sup> Mestranda do PROFLETRAS – Universidade Federal de Sergipe – UFS, [lu.arcanjo26@gmail.com](mailto:lu.arcanjo26@gmail.com).

de padrões heteronormativos. Segundo a autora, o espaço educativo funciona como dispositivo de regulação da sexualidade, excluindo formas de desejo que escapam à norma.

A crítica literária feminista e *queer* acrescenta a esse debate a compreensão da literatura como espaço de resistência. Autoras como Adrienne Rich e Teresa de Lauretis destacam que a escrita pode funcionar como estratégia de visibilidade e de enfrentamento das imposições patriarcais, tornando a arte um campo de disputa simbólica.

Nessa perspectiva, destaca-se a natureza social das práticas de letramento social, em contraposição a um modelo “ideológico” de letramento, considerando as interações culturais, políticas e sociais que se dão por intermédio dos textos em seus contextos comunicativos de uso, como defende Street (2014). A escolha do conto de Taylane justifica-se pelo fato de, geralmente, as autoras negras abordarem, em suas obras, questões sociais sob uma perspectiva racial e de gênero. Sendo assim, essas escritoras problematizam as relações de poder oriundas de uma lógica colonial e patriarcal, inscrevendo em seus textos uma espécie de sublimação da violência racial, homofóbica e de gênero da qual também são vítimas constantes.

[...] as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de auto representação. Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do ‘outro’ como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. (EVARISTO, 2005, p. 54).

Assim, propomos uma leitura “de oposição”, conforme os postulados de Hall (2003), já que nosso objetivo é questionar a estrutura heteronormativa e patriarcal da sociedade brasileira, que naturaliza a objetificação e a violência contra corpos sexualmente dissidentes. Com isso, “[...] pautamos pela “decodificação” do texto literário a partir de uma interpretação “a contrapelo”, que valoriza a revisão histórica e questiona os valores hegemônicos. [...]”. (GOMES; NASCIMENTO, 166-167)

Dessa forma, o texto literário funciona como um mecanismo de enfrentamento e resistência contra as injustiças sociais, bem como uma forma de partilhar as dores e as violências cotidianas tão comuns às vivências de pessoas LGBTQIAPN+, com o intuito de que outras se identifiquem, despertem e comunguem com elas das mesmas experiências e, assim, possam lidar melhor com seus traumas e angústias, além de refletirem sobre atitudes homofóbicas.

Nesse sentido, a intenção desta investigação também é sugerir o trabalho com obras literárias que, além de despertarem o interesse pela leitura e contribuírem com a formação de leitores críticos, possibilitem o debate de temas sensíveis na sala de aula, a fim de ampliar as reflexões acerca do tema e, consequentemente, diminuir a incidência da homofobia no ambiente

escolar e em nossa sociedade. Cosson (2009) reforça a ideia de que, para despertar o prazer da leitura no estudante, ele precisa passar pelo processo do letramento literário. Portanto, cabe à escola, como principal responsável por essa aprendizagem, desenvolver práticas de leitura literária em sala que contemplam a formação e a consolidação de alunos leitores, a fim de torná-los cidadãos críticos e aptos a atuar para a transformação da sociedade, sem repetir preconceitos e valores ultrapassados.

## METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Este trabalho utiliza abordagem qualitativa, com metodologia bibliográfica e interpretativa. O objeto de estudo é o conto “*O beijo*”, presente no livro “As conchas não falam” (2024), de Taylane Cruz.

O estudo concentrou-se em dois eixos:

- a) **Análise textual e simbólica**, considerando a construção das personagens, a linguagem poética, o uso de metáforas e a estrutura narrativa;
- b) **Análise sociocultural**, observando as relações de poder presentes no enredo (controle familiar, violência e silenciamento) e como a obra representa mecanismos de repressão, violência e resistência associadas à homossexualidade.

Esse procedimento metodológico permite articular leitura estética e reflexão crítica, relacionando a dimensão literária ao contexto social de produção e recepção.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

O conto de Taylane Cruz apresenta uma narrativa de iniciação, em que duas meninas, aos doze anos, descobrem a possibilidade do amor por meio do beijo. A descrição desse gesto é marcada por uma linguagem lírica e sensorial: as personagens associam o ato ao silêncio, à leveza e à pureza. O beijo é tratado como experiência inaugural, capaz de condensar a expressão do amor sem necessidade de palavras.

No entanto, a cena idílica é abruptamente interrompida pela presença masculina representada pelo irmão de uma das personagens. Sua violência — tapas, ameaças e imposição do silêncio — simboliza a força social da heteronormatividade e a exclusão da homossexualidade. O gesto amoroso, que poderia ser vivido como liberdade, é transformado em motivo de dor e repressão.

[...] O beijo, logo perceberam, era um prazer em constante dilatação capaz de abrir os braços e fazer todo o corpo se entregar. Só não descobriram mais porque uma mão abrupta roubou o beijo, a magia, a florinha, a singeleza, tudo. Mão que arranca sem dó as coisas vivas. Foi a mão do irmão que as flagrou e, sem delicadeza, as separou como se desfizesse um laço, as mãos se largando no vazio. [...] (CRUZ, 2024, p. 55).

A análise revela dois aspectos centrais:

- **Afeto e resistência** – O beijo, mesmo interrompido, não é anulado. Ele permanece como memória, como marca íntima que resiste ao esquecimento. Essa dimensão sugere que o desejo não pode ser inteiramente silenciado pela repressão. O afeto surge como experiência legítima, ainda que relegada ao segredo.

[...] Como era seu o irmão, libertou a outra, vai, corre! A outra correu, mas levou junto o beijo, guardou-o depressa dentro da roupa, escondeu-o e, entre lágrimas, corria jurando guardá-lo debaixo dos sete palmos de si, ninguém jamais veria. [...] (CRUZ, 2024, p. 55-56).

- **Violência e silêncio** – A homofobia manifesta-se na agressão física e simbólica. A proibição imposta pelo irmão ecoa como advertência social: a homossexualidade não deve existir. A narrativa mostra como a violência heteronormativa atua desde a infância, produzindo medo, dor e silêncio.

Voltou para casa arrastada, o irmão jurando matá-la se a pegasse beijando aquela menina outra vez. Sozinha, surrada, ela ia à frente no caminho ladrilhado com pedrinhas coloridas, o irmão como um soldado vigilante atrás, dando-lhe sucessivos cascudos. Ela enxugava as lágrimas enquanto tentava guardar os restos daquele beijo, agora pó. Olhou o céu e sentiu o peso daquela mão que abria nela uma fenda pela qual entrava agora um grosso e eterno silêncio. (CRUZ, 2024, p. 56).

Ao contrapor lirismo e brutalidade, Taylane Cruz evidencia o conflito entre desejo e opressão. O conto, portanto, não apenas denuncia a violência, mas também valoriza a experiência homoafetiva como legítima, abrindo espaço para pensar a resistência do afeto em contextos adversos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise demonstra que “*O beijo*” de Taylane Cruz constitui um texto de grande relevância para os estudos de gênero e literatura. A narrativa problematiza a vivência da homossexualidade desde a infância, evidenciando o choque entre desejo e repressão. O conto posiciona-se criticamente contra a heteronormatividade, ao mesmo tempo em que celebra a potência do afeto como resistência.

Assim, a obra não se limita a retratar a violência sofrida pelas personagens; ela também aponta para a sobrevivência do desejo, para a permanência da memória amorosa e para a possibilidade de resistência subjetiva diante da repressão.

Conclui-se que o conto de Taylane Cruz amplia a representatividade na literatura brasileira contemporânea, oferecendo visibilidade a experiências LGBTQIAPN+ e contribuindo para o debate sobre diversidade sexual. Ao expor a violência estrutural e afirmar a legitimidade do amor, “*O beijo*” confirma a potência da literatura como espaço de denúncia e transformação social.

**Palavras Chaves:** homossexualidade; literatura contemporânea; Taylane Cruz; gênero; repressão.

## REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade.** tradução Renato Aguiar. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- CRUZ, Taylane. **O beijo.** In: As conchas não falam. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2024, p. 54-56.
- EVARISTO, Conceição. **Fêmea fênix.** Maria Mulher – Informativo, ano 2, n. 13, 25 jul. 2005.
- GOMES, Carlos Magno Santos. **O modelo cultural de leitura.** Nonada Letras em Revista. Porto Alegre, ano 15, n. 18, p. 167-183, 2012.
- STREET, Brian. **Letramento, política e mudança social.** In: Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014, p. 29-41.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.